

HABITAR EM DIÁLOGO COM AS ÁGUAS

Entre arqueologia e arquitetura vernacular nas estearias de Penalva (MA)

Lalia Diniz dos Santos Socha

Mestranda em Arquitetura (PPGARq/PUC-Rio) | laliadiniz@aluno.puc-rio.br

EIXO TEMÁTICO: [4] Usos, Técnicas e Espaços

Resumo: O habitar sobre as águas configura um amplo repertório de arquiteturas vernaculares desenvolvidas em resposta a condições ambientais específicas e a modos de vida profundamente enraizados aos sistemas aquáticos. O presente estudo resulta de pesquisa prévia sobre arqueologia das estearias e arquitetura vernacular palafítica na Baixada Maranhense, ampliando a análise por meio de um duplo movimento: a contextualização do panorama global sobre as construções sobre as águas e o estudo de caso das estearias do município de Penalva (MA). Como recorte de investigação, as estearias maranhenses constituem sítios arqueológicos lacustres pré-coloniais palafíticos que evidenciam formas ancestrais de habitar sobre as águas na Amazônia Oriental. Mais do que aproximar registros arqueológicos e práticas vernaculares contemporâneas, o estudo problematiza os limites entre arqueologia e arquitetura vernacular, examinando permanências, reelaborações e ressonâncias entre saberes construtivos pretéritos e contemporâneos, sem pressupor uma continuidade linear entre eles. A metodologia adotada é qualitativa, com abordagem exploratória e etnográfica, articulando levantamento bibliográfico, trabalho de campo, levantamento de fontes orais e arqueológicas, assim como o registro fotográfico. Ao situar as estearias no contexto mais amplo das arquiteturas lacustres globais, a pesquisa evidencia sua singularidade e relevância tanto como patrimônio arqueológico quanto como testemunho de modos de habitar adaptados às dinâmicas da paisagem hídrica.

Palavras-chave: Arquitetura Vernacular; Palafitas; Habitar; Estearias; Penalva (MA).

LIVING IN DIALOGUE WITH THE WATERS: BETWEEN ARCHAEOLOGY AND VERNACULAR ARCHITECTURE IN THE ESTUARIES OF PENALVA (MA)

Abstract: Living on the water constitutes a broad repertoire of vernacular architectures developed in response to specific environmental conditions and ways of life deeply rooted in aquatic systems. This study results from previous research on the archaeology of estuaries and vernacular stilt architecture in the Baixada Maranhense region, expanding the analysis through a double movement: the contextualization of the global panorama on constructions on the water and the case study of the estuaries in the municipality of Penalva (MA). As a research focus, the Maranhão estuaries constitute pre-colonial lacustrine stilt archaeological sites that evidence ancestral forms of living on the water in Eastern Amazonia. More than simply bringing archaeological records and contemporary vernacular practices closer together, this study

problematizes the boundaries between archaeology and vernacular architecture, examining continuities, re-elaborations, and resonances between past and contemporary constructive knowledge, without presupposing a linear continuity between them. The methodology adopted is qualitative, with an exploratory and ethnographic approach, articulating bibliographic research, fieldwork, collection of oral and archaeological sources, as well as photographic documentation. By situating the estuaries within the broader context of global lacustrine architectures, the research highlights their uniqueness and relevance both as archaeological heritage and as evidence of ways of inhabiting adapted to the dynamics of the aquatic landscape.

Keywords: Vernacular Architecture; Stilt Houses; Housing; Estuaries; Penalva (MA)

VIVIENDO EN DIÁLOGO CON LAS AGUAS: ENTRE LA ARQUEOLOGÍA Y LA ARQUITECTURA VERNÁCULA EN LOS ESTUARIOS DE PENALVA (MA)

Resumen: Vivir sobre las aguas abarca un amplio repertorio de arquitecturas vernáculas desarrolladas en respuesta a condiciones ambientales específicas y formas de vida profundamente arraigadas en los sistemas acuáticos. Este estudio surge de investigaciones previas sobre la arqueología de los estuarios y la arquitectura vernácula sobre pilotes en la región de Baixada Maranhense, ampliando el análisis mediante un doble enfoque: la contextualización del panorama global de las construcciones sobre las aguas y el estudio de caso de los estuarios del municipio de Penalva (MA). Como foco de investigación, los estuarios de Maranhão constituyen sitios arqueológicos precoloniales lacustres sobre pilotes que evidencian formas ancestrales de vivir sobre las aguas en la Amazonía oriental. Más allá de acercar los registros arqueológicos y las prácticas vernáculas contemporáneas, este estudio problematiza los límites entre la arqueología y la arquitectura vernácula, examinando continuidades, reelaboraciones y resonancias entre el saber constructivo del pasado y el del presente, sin presuponer una continuidad lineal entre ellos. La metodología empleada es cualitativa, con un enfoque exploratorio y etnográfico, que articula la investigación bibliográfica, el trabajo de campo, la recopilación de fuentes orales y arqueológicas, así como la documentación fotográfica. Al situar las casas sobre pilotes en el contexto más amplio de las arquitecturas lacustres globales, la investigación resalta su singularidad y relevancia tanto como patrimonio arqueológico como evidencia de formas de habitar adaptadas a la dinámica del paisaje acuático.

Palabras clave: Arquitectura vernácula; Casas sobre pilotes; Habitar; Penalva (MA).

1. INTRODUÇÃO

Enquanto rios, mares e áreas alagáveis foram historicamente tratados como ameaças a serem contidas, drenadas ou afastadas do espaço construído, formas de habitar que convivem diretamente com o movimento das águas, como palafitas, casas-barco ou arquiteturas flutuantes, expressam territorialidades plurais, transmitindo modos de vida enraizados em técnicas ancestrais, que emergem desafiando os paradigmas hegemônicos de ocupação do território.

No contexto brasileiro, particularmente na Amazônia Oriental, essas formas de habitar assumem expressões singulares. Entre elas destacam-se as estearias da região da Baixada Maranhense, especificamente no município de Penalva. Sítios arqueológicos pré-coloniais constituídos por estruturas palafíticas implantadas diretamente nos sistemas lacustres locais. Esses vestígios evidenciam modos ancestrais de ocupação associados a populações indígenas e revelam uma relação histórica profundamente integrada às dinâmicas das paisagens aquáticas.

Logo, o presente artigo resulta de desdobramentos de pesquisa prévia sobre a arqueologia das estearias e a arquitetura vernacular palafítica na Baixada Maranhense (Santos 2025), ampliando a análise por meio de um duplo movimento investigativo. De um lado, propõe-se a contextualização das arquiteturas palafíticas em escala global, sistematizando referências teóricas e exemplificações em diferentes regiões do mundo. De outro, realiza-se o estudo de caso das estearias de Penalva (MA), buscando compreender suas especificidades históricas, culturais e espaciais no âmbito das territorialidades lacustres amazônicas.

Mais do que aproximar registros arqueológicos e práticas vernaculares contemporâneas, o artigo problematiza os limites entre arqueologia e arquitetura, ao compreender as estearias não apenas como vestígios materiais, mas como evidências de sistemas arquitetônicos do habitar sobre as águas. Em vez de afirmar uma continuidade linear entre práticas pretéritas e contemporâneas, interessa examinar permanências, reelaborações e tensões entre patrimônio arqueológico e saberes construtivos vernaculares vivos.

Com esse objetivo, a investigação adotou uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e etnográfico, articulando levantamento bibliográfico, trabalho de campo, fontes orais e arqueológicas, bem como registro fotográfico. Portanto, ao situar o caso maranhense no panorama mais amplo das arquiteturas lacustres mundiais, o estudo pretende contribuir para o reconhecimento dessas estruturas tanto como patrimônio arqueológico quanto como expressões arquitetônicas do habitar sobre as águas.

2. HABITAR AS ÁGUAS: TERRITORIALIDADES E ARQUITETURA VERNACULAR

Estudar arquitetura vernacular não é apenas analisar edificações, mas compreender modos de habitar e compreender com comunidades diversas como desenvolver formas

precisas de adaptação ao meio ambiente em interações simbióticas com a natureza (Oliver, 2006). Nessa perspectiva, o habitar pode ser compreendido como forma de inserção e pertencimento no mundo, expressando modos de engajamento com o espaço vivido (Machado-Martins; Trotta, 2020).

Habitar sobre, ou em estreita relação com as águas, revela territorialidades legítimas, constituídas por saberes locais e pela contínua reinvenção das relações entre corpo, território e água (Salgado, 2024). Apesar de constituírem práticas milenares e amplamente difundidas em ambientes lacustres, ribeirinhos e costeiros, as palafitas foram frequentemente reduzidas por narrativas de precariedade e informalidade, obscurecendo suas racionalidades construtivas e sua ancoragem em saberes vernaculares e ancestrais.

Ponderada como uma etnoarquitetura, a moradia palafítica pode ser compreendida como um conjunto de estruturas espaciais, materiais e simbólicas, produzidas pelos próprios grupos sociais para sustentar sua vida cotidiana, progressivamente adaptadas ao território onde vivem. (Sena *et al.*, 2022). Nesse sentido, a palafita pode ser entendida como um sistema construtivo baseado em estacas-pilares que sustentam construções suspensas em solos alagados (Zebulun, 2023), revelando soluções técnicas e espaciais que articulam ambiente, cultura e continuidade.

Essa compreensão do habitar vernacular e da palafita permite analisar as estearias não apenas como objetos arqueológicos, mas como expressões arquitetônicas legíveis em suas lógicas territoriais e construtivas.

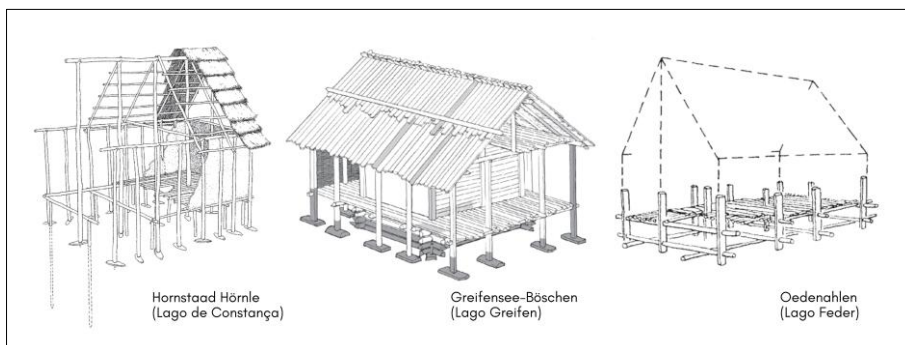
4

3. PERCURSOS DO HABITAR PALAFÍTICO: ENTRE ARQUEOLOGIA E ARQUITETURA

Herdeiras de conhecimentos indígenas anteriores ao processo de colonização, que orientam práticas construtivas adaptadas às dinâmicas das águas, os assentamentos palafíticos variam em tamanho e complexidade, tal como pequenas aldeias pré-históricas, tal quanto amplos assentamentos dinâmicos, reforçando diversidades habitacionais e organizações socioeconômicas múltiplas (Leite Filho, 2016).

Registros arqueológicos indicam a presença remota desses assentamentos na Europa Central, especialmente nas regiões alpinas (Figura 1), onde estruturas elevadas sobre estacas foram implantadas às margens de lagos como estratégia de adaptação às variações sazonais do nível da água (Álvarez e Bahamón, 2009). Reconhecida pela UNESCO como Patrimônio Mundial em 2011, a seleção de 111 sítios palafíticos pré-históricos da região alpina prediz sua relevância na compreensão do desenvolvimento das habitações humanas e as interações entre os ambientes lacustres entre 5000 e 500 a.C. (Unesco, 2019).

Figura 1: Representação de construções dos sítios lacustres da região dos Alpes.



Reconstrução experimental das características das construções palafíticas pré-coloniais da região dos lagos dos Alpes.

Fonte: Ebersbach, 2013. Adaptado pela autora.

Na América Central, especialmente na faixa atlântica de Nicarágua e Honduras, povos indígenas como Miskitos e Mayangnas desenvolveram assentamentos palafíticos próximos a rios e lagoas (Santos, 2025). Esses agrupamentos, concentrados em territórios aquíferos, refletem uma identidade sociocultural marcada pela diversidade etnográfica e por influências históricas externas. Esse espaço arquitetônico está profundamente vinculado às crenças e à cosmovisão local, revelando uma relação indissociável entre habitação, território e espiritualidade.

Seus assentamentos palafíticos (Figura 2) respondem a motivações práticas e simbólicas: evitar o contato direto com a água, proteger-se de inundações atribuídas a entidades místicas, manter proximidade com as águas consideradas herdadas de um grande dilúvio, enterrar cordões umbilicais conforme tradições culturais e resguardar-se de espíritos associados a serpentes (Cruz Ramírez; León Hernández, 2017).

Figura 2: Comunidades indígenas Miskito.



Comunidades indígenas Miskito da costa norte do Caribe da Nicarágua

Fonte: CEJIL, 2021.

Já no Sudeste Asiático, a arquitetura vernácula malaia manifesta-se em habitações palafíticas de pequenas dimensões, geralmente com plantas quadradas e estruturas predominantemente em bambu. As chamadas vilas aquáticas, conhecidas como *kampong* ou *kampung*, constituem comunidades tradicionais erguidas sobre estacas,

com casas interligadas por passarelas de madeira e forte dependência de embarcações como principal meio de deslocamento (Santos, 2025). Esse tipo de arquitetura expressa saberes construtivos ancestrais transmitidos entre gerações e permanece presente em países como Vietnã, Camboja e Tailândia (Figura 3), evidenciando elevada capacidade de adaptação às condições ambientais e ao uso de materiais locais (Marques, 2014).

Figura 3: Uma aldeia (kampong) no Camboja.



A palavra "kampung" é um termo malaio que significa assentamento ou vila.
Fonte: Worfatlas, 2019.

No continente africano, assentamentos palafíticos também emergiram como estratégias de adaptação ambiental e proteção sociopolítica. Um caso emblemático é a cidade de Ganvié, situada no Lago Nokoué, no Benin (Figura 4). Fundada entre os séculos XVI e XVII por comunidades que buscavam refúgio contra perseguições e capturas no contexto do tráfico escravista, a localização sobre a água oferecia segurança, já que grupos inimigos evitavam combates em ambiente aquático por motivos religiosos.

Figura 4: Veneza africana, Lago Nokoué, no Benin.



Vista aérea da cidade do lago Ganvie em Benin.
Fonte: Yakubu, 2023.

Conhecida como a “Veneza africana”, a cidade consolidou-se como uma comunidade pesqueira com dezenas de milhares de habitantes e infraestrutura inteiramente articulada por vias fluviais, incluindo moradias, templos, estabelecimentos comerciais e equipamentos turísticos (Yakubu, 2023).

Deslocando a rota para as águas da América do Sul, no que se refere ao período pré-colonial, registros de expedições realizadas entre o Peru e o Brasil, como a jornada de Ursúa e Aguirre em busca do El Dorado, sugerem a possível existência de aldeias palafíticas nas proximidades dos rios Paru e Xingu, ainda que sem localização precisa (Porro, 1993).

No contexto amazônico (Figura 5), destacam-se as pesquisas de Menezes e Perdigão (2021), que analisam tipologicamente a palafita como expressão arquitetônica vinculada aos modos de vida dos povos tradicionais da região. Entre os exemplos estudados está a cidade de Afuá, conhecida como “cidade suspensa” ou “Veneza da Ilha de Marajó”, além de comunidades como Vila da Barca (PA), Ilha do Combú (PA) e Miracauera (AM), que evidenciam a permanência e a diversidade das formas palafíticas na Amazônia contemporânea.

Figura 5: Palafitas em Belém, Pará.



Fotografia de Palafitas em torno dos rios em Belém (PA).
Fonte: Paulo Socha, 2025.

Esses registros, ainda que situados em diferentes contextos históricos e geográficos, evidenciam que o habitar palafítico constitui uma racionalidade construtiva recorrente, permitindo que assentamentos pretéritos sejam interpretados não apenas como registros arqueológicos isolados, mas como manifestações arquitetônicas de longa duração.

4. AS ESTEARIAS DE PENALVA (MA): PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO E MODOS ANCESTRAIS DE HABITAR

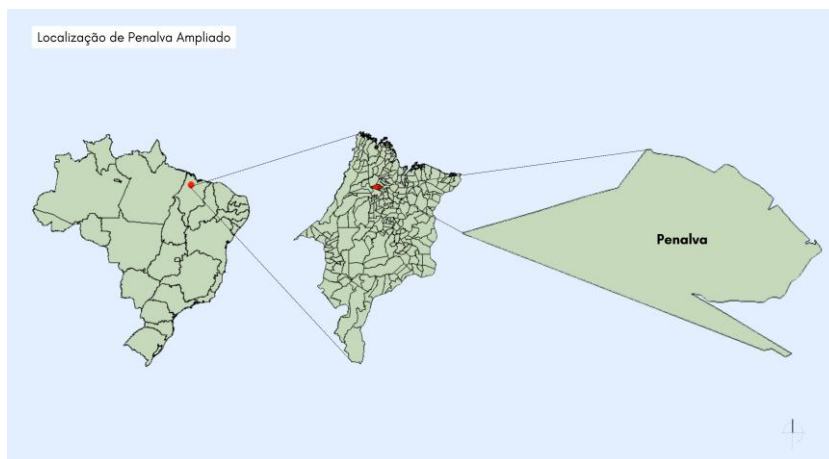
Ainda em território amazônico, inseridas no contexto da Baixada Maranhense, as estearias do município de Penalva configuram um significativo conjunto arqueológico

palafítico do Brasil pré-colonial (Navarro, 2025). Implantadas em ambientes lacustres associados ao sistema hidrológico regional, essas estruturas constituem vestígios materiais de formas ancestrais de habitar diretamente sobre as águas, vinculadas a populações indígenas.

Diferentemente das palafitas contemporâneas, ainda presentes em diversas regiões do mundo, as estearias representam assentamentos pretéritos, preservados sobretudo por remanescentes de estacas cravadas nos lagos e por artefatos associados às práticas cotidianas dessas comunidades.

Penalva é um município localizado na porção sul da Microrregião da Baixada Ocidental no estado do Maranhão, caracterizado por extensas áreas alagáveis, lagos e campos inundáveis que moldam profundamente o modo de vida local. Sua formação histórica está ligada à ocupação colonial, às atividades agroextrativistas e à presença de populações tradicionais ribeirinhas, quilombolas e indígenas (Figura 6).

Figura 6: Localização do município de Penalva (MA).



Mapa ampliado da localização do município de Penalva (MA)
Fonte: Santos, 2025.

O território possui forte dependência dos ciclos das águas, que determinam práticas econômicas como a pesca artesanal, a agricultura sazonal e o transporte lacustre. A cidade integra a bacia hidrográfica do Rio Pindaré, inserindo-se em um contexto de ecossistemas lacustres formados por lagos interligados, entre os quais se destacam Cajari, Capivari, Lontra e Formoso (Correia, 2006).

Os vestígios das estearias maranhenses foram registrados, sobretudo em relatos naturalistas, e as primeiras aparições sobre essas habitações palafíticas na região em destaca se dar pelo Itinerário da Província do Maranhão, do Coronel Bernardino Pereira do Lago (1820), e o Dicionário Histórico e Geográfico da Província do Maranhão, de César Marques (1870) (Martins, 2023).

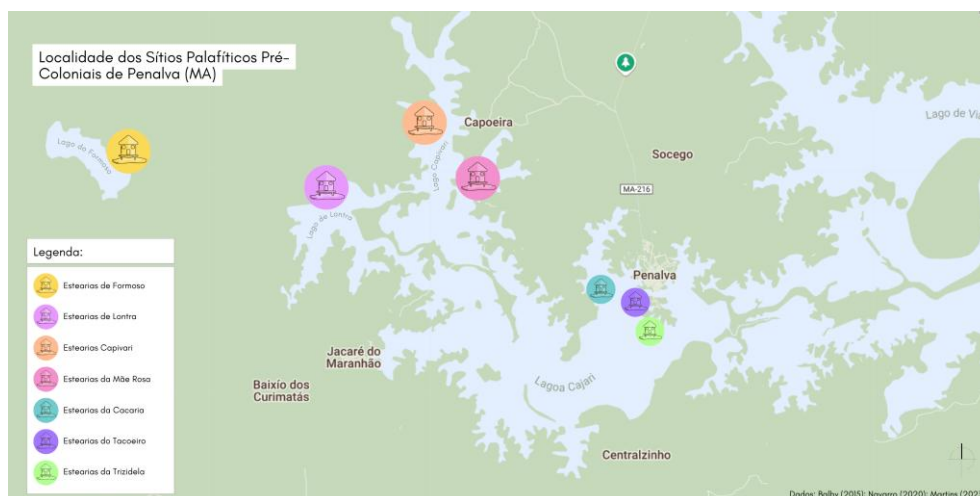
Relatos sistematizados por Gikovate (1933) retomam as pesquisas pioneiras de Raimundo Lopes, intelectual maranhense que, após publicar *O Torrão maranhense* (1916), passou a investigar as chamadas cidades lacustres da Baixada Maranhense. Durante uma seca excepcional no Lago Cajari, em 1919, Lopes pôde observar integralmente as estearias, então expostas pela baixa das águas, descrevendo o lago como uma várzea aluvial conectada ao rio Cajari nas proximidades da vila de Penalva.

No campo arqueológico, as pesquisas sobre as estearias permanecem em desenvolvimento, com investigações iniciadas no século XX e ampliadas nas últimas décadas, contribuindo para consolidar bases científicas sobre essas habitações lacustres pré-coloniais. Destaca-se a atuação do arqueólogo Deusdedit Carneiro Leite Filho, cujos estudos evidenciam a relevância e a singularidade desses assentamentos no contexto da arqueologia brasileira, além de reforçarem a necessidade de aprofundamento das pesquisas sobre tais sítios.

Propiciar o viver em locais alagadiços, inundáveis ou em lagos implicava principalmente no desenvolvimento de um sistema construtivo que permitisse a confecção de moradias firmes e seguras que levantadas em ambientes aquáticos pudessem “alicerçar” um modo de vida voltado ao sabor das águas e ao capricho dos ventos. Apesar do distanciamento no tempo e no espaço a arquitetura vernacular contemporânea aponta que a técnica e os materiais para a construção de casas sobre estacas continuam semelhantes (Leite Filho, 2016, p. 68).

Levantamentos recentes indicam que o município de Penalva abriga sete sítios arqueológicos associados a habitações palafíticas vernaculares em seus lagos: Cacaria, Trizidela, Tacoeiro, Mãe Rosa, Capivari, Lontra e Formoso (Figura 7). Essas áreas estão inseridas em processo de licenciamento ambiental, conforme a Instrução Normativa n.º 001/2015, vinculada ao processo n.º 01494.000442/2013-37, registrado em junho de 2013.

Figura 7: Mapa das Estearias em Penalva (MA).



Mapa direcionando a localização das Estearias no município de Penalva segundo dados arqueológicos mais recentes.
Fonte: Santos, 2025.

Informações mais detalhadas sobre os sítios arqueológicos e sobre os povos das estearias provêm de pesquisas desenvolvidas por diferentes instituições ao longo do tempo, iniciadas pelo Museu Paraense Emílio Goeldi, posteriormente pelo Centro de Pesquisa de História Natural e Arqueologia do Maranhão (CPHNAMA) e, mais recentemente, pelo Laboratório de Arqueologia da UFMA (LARQ-UFMA), que vêm ampliando o conhecimento científico sobre esses assentamentos lacustres.

Com base nos estudos arqueológicos, a investigação concentrou-se em percursos pela cidade com o intuito de visualizar os esteios em período de seca. O primeiro percurso direcionou-se à estearia Trizidela, também conhecida como Quebra-Coco, situada no Lago Cajari, cuja denominação está associada ao bairro homônimo. O sítio não é atualmente visível, embora o acesso seja facilitado pelas vias do bairro Trizidela. Seus esteios permanecem submersos após a construção de uma barragem na região, situação registrada desde 1985 (Figura 8).

Adentrando outra parte da margem do lago encontra-se outras construções palafíticas. Essas já estão em localidade em que as águas do lago as alcançam em período de inverno (Figura 9). Logo, as palafitas ali encontradas possuem características vernaculares demonstrando uma fusão entre os saberes tradicionais e novas técnicas construtivas.

Figura 8: Vista da localidade da Estearia Trizidela.



Situada no Lago Cajari, o sítio Trizidela não é atualmente visível.
Fonte: Santos, 2025.

Figura 9: Construções palafíticas contemporâneas no bairro Trizidela na margem do lago.



Palafitas contemporâneas em proximidade ao lago que abriga o sítio Trizidela.
Fonte: Santos, 2025.

Em continuidade, com o auxílio do penalvense Galdino Arouche, realizou-se a visita às proximidades das estearias do Formoso, sítio arqueológico de descoberta recente localizado no Lago Formoso, em área mais distante do centro de Penalva.

A visita à estearia do Formoso só foi possível por via aquática, partindo pelo Lago Formoso, mesmo com a baixa profundidade decorrente do período de estiagem. Com o acompanhamento de um pescador local e o uso de uma embarcação do tipo rabeta, foi possível realizar observações diretas e registros fotográficos da área (Figura 10).

Figura 10: Vestígios de sítio arqueológico lacustres pré-colonial palafítico.



Fotografia dos Esteios realizada em trabalho de campo no Lago Formoso (Penalva - MA).
Fonte: Autora, 2024.

No que diz respeito à dimensão territorial, os esteios distribuem-se por uma área aproximada de dois hectares, somando cerca de 3.218 unidades organizadas em 14 núcleos (Navarro, 2023). Destaca-se a porção ocidental do sítio, cuja configuração quase circular, com um espaço central livre, é interpretada como possível área de caráter ritualístico da antiga aldeia (Navarro, 2023).

A análise iconográfica dos artefatos encontrados no sítio, realizada pelo Laboratório de Arqueologia da UFMA, indica o xamanismo como possível prática das comunidades originárias. As peças apresentam padrões de transformação, figuras híbridas e metamorfoses entre humanos e animais, associados a narrativas cosmológicas. Segundo Navarro (2025), esses elementos constituem registros simbólicos de memória ligados ao mito da cobra-canoa, recorrente nas tradições indígenas amazônicas.

Nesse sentido, a articulação entre descobertas arqueológicas recentes, analisada sob uma abordagem etnográfica, evidencia a singularidade do contexto de Penalva (MA). Independentemente do período histórico, a técnica construtiva palafítica mantém-se como referência territorial, sendo ainda possível identificar, em diferentes pontos da cidade, práticas contemporâneas de autoconstrução associadas à proximidade de rios e lagos (Figura 11). Em síntese, Penalva (MA) pode ser compreendida como um território onde natureza, memória e modos tradicionais de vida se entrelaçam, tendo a água como elemento estruturante de sua paisagem e identidade.

Figura 11: Palafitas Penalvenses (MA).



Embora não haja registros históricos que confirmem uma linha direta entre as estearias e as palafitas contemporâneas da região, é possível observar a persistência dessas soluções arquitetônicas na região. Fonte: Santos, 2025.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As arquiteturas que emergem em diálogo com as águas evidenciam que projetar pode ser menos um ato de imposição sobre o ambiente e mais um exercício contínuo de adaptação e convivência com processos naturais dinâmicos. Nesse horizonte líquido, o habitar sobre as águas revela a necessidade de tecer relações entre escalas e saberes: do corpo ao território, do técnico ao ancestral, do científico ao cosmológico.

Logo, a temática contribui para o pensamento e questionamento sobre como produzimos o espaço e as influências que o meio nos desafia, cooperando para a análise de panoramas urbanos sob a trajetória de comunidades que escolheram desenvolver suas habitações em meio e proximidade a mares, rios e lagos.

Além de enriquecer o campo acadêmico, essa pesquisa promove a valorização de práticas construtivas que, embora ofuscadas pela modernidade, continuam a oferecer respostas relevantes a desafios contemporâneos. Compreender essas arquiteturas como expressões legítimas da produção do espaço contribui não apenas para a reconstrução da história regional, mas também para a ampliação do debate sobre

formas mais sensíveis e integradas de coexistência entre sociedade e paisagens aquáticas.

A análise sugere que o limite entre arqueologia e arquitetura popular não é rígido, mas poroso, mediado por permanências materiais, espaciais e simbólicas. Embora não seja possível afirmar uma filiação direta entre os construtores das estearias e as palafitas contemporâneas, observa-se a persistência de uma racionalidade construtiva do habitar sobre as águas, reelaborada historicamente. Nesse sentido, mais que vestígio do passado, as estearias tensionam a separação entre patrimônio arqueológico e tradição vernacular viva.

6. REFERÊNCIAS

BAHAMÓN, Alejandro; ÁLVAREZ, Ana María. **Palafito: de arquitetura vernácula à contemporânea**. Barcelona: Parramón, 2009.

CEJIL. Centro pela Justiça e o Direito Internacional. Nicaragua: **Corte IDH amplía medidas de protección a favor de comunidad miskita de Santa Fe**. 2021. Disponível em: <https://twi.btq.mybluehost.me/comunicado-de-prensa/nicaragua-corte-idh-amplia-medidas-de-proteccion-a-favor-de-comunidad-miskita-de-santa-fe/>. Acesso em: 22 fev. 2026.

CORREIA, Jaciara de Oliveira. **Sustentabilidade dos Sistemas Agro-Extrativos de Produção da Região Lacustre de Penalva-Ma, na Área de Proteção Ambiental da Baixada Maranhense**, 2006. 95f. Dissertação (Mestrado em Oceanografia E Limnologia) - Universidade Federal do Maranhão, São Luis, 2006.

CRUZ RAMÍREZ, Luis C.; LEÓN HERNÁNDEZ, Ricardo A. Vivienda vernácula palafítica mayangna y miskitu de Nicaragua. **Arquitectura +**, v. 2, n. 4, p. 23–31, 2017. ISSN 2518-2943.

EBERSBACH, Renate. Houses, households, and settlements: architecture and living space. In: MENOTTI, F.; O'SULLIVAN, A. (eds.). **The Oxford Handbook of Wetland Archaeology**, Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 283-301.

GIKOVATE, Moysés. As esteirarias. **Revista Nacional de Educação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 6, p. 64-71, 1933.

LAGO, Antônio Bernardino Pereira do. **Estatística histórico-geográfica da Província do Maranhão**. São Paulo: Siciliano, 2001. (Reedição da obra original de 1915).

LEITE FILHO, Deusdedit Carneiro. Arqueologia dos ambientes lacustres: cultura material, dinâmica sociocultural e sistema construtivo nas estearias da Baixada Maranhense. **Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico**, v. 25, n. 2, p. 54-99, 2016.

LOPES, Raimundo (1916). **O Torrão maranhense**. São Luís: Edições AML, 2017.

MACHADO-MARTINS, Maíra; TROTTA, Carolina de Carvalho Gambôa. Espaço programado e espaço criado. A construção da habitabilidade em duas formas de moradia popular. **Arquitextos**, São Paulo, ano 21, n. 241.04, Vitruvius, jun. 2020.

MARQUES, César Augusto. (1870) **Dicionário Histórico e Geográfico da Província do Maranhão**. Rio de Janeiro: Fon-Fon e Seleta, 1970.

MARQUES, Filipa Daniela Matos. **Arquitectura palafítica: origens e contemporaneidade**. 2014. 175 f. Dissertação (Mestrado Integrado em Arquitectura) – Faculdade de Arquitectura e Artes, Universidade Lusíada de Lisboa, Lisboa, 2014.

MARTINS, Dayse Marinho. **A "cidade dos lagos": narrativas ancestrais sobre as estearias no município de Penalva – MA**, 2022. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2023.

MENEZES, Tainá Marçal dos Santos; PERDIGÃO, Ana Klaudia de Almeida Viana. O tipo palafita amazônico: entre formalidade e informalidade do habitar na Vila da Barca (Belém, Pará, Brasil). **Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente**, v. 6, n. 2, p. 44-59, 2021. DOI: 10.21680/2448-296X.2021v6n2ID23710. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/revprojetar/article/view/23710>. Acesso em: 10 dez. 2024.

NAVARRO, Alexandre Guida. A estearia do Formoso: um enclave Inciso-Ponteado/Arauquinoide no Maranhão. **Revista de Arqueologia**, [S. l.], v. 36, n. 2, p. 166–193, 2023. DOI: 10.24885/sab.v36i2.1025. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/1025>. Acesso em: 1 fev. 2025.

NAVARRO, Alexandre Guida. **Formoso: um lago encantado. Arqueologia das estearias do Maranhão, Amazônia Oriental**. São Luís: EDUFMA, 2025.

OLIVER, Paul. **Built to meet needs: cultural issues in vernacular architecture**. Oxford: Architectural Press, 2006.

PORRO, Antônio. **As crônicas do rio Amazonas. Notas etno-históricas sobre as antigas populações indígenas da Amazônia**. Petrópolis: Vozes, 1993.

SALGADO, Victor. **Pertencer à terra, habitar com a água; Territorialidade amapaense e confluências da palafita na Vila Elesbão**. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

SANTOS, Lalia Diniz dos. **Águas profundas, raízes antigas: trajetórias etnográficas pela arquitetura vernacular palafítica nas estearias em Penalva – Maranhão**. 2025. 108 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2025.

SENA, GM de; COSTA, MSB da; CARNEIRO, JPR; OKA, JM; GONÇALVES, VVC; FRAXE, T. de JP. As etnoarquitecturas varzeanas do Solimões/The varzean ethnoarchitectures of Solimões. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 8, n. 5, p. 41229–41246, 2022. DOI: 10.34117/bjdv8n5-561. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/48606>.

SOCHA, Paulo. Palafitas em Belém, Pará. 2025. Fotografia. Acervo do autor.

UNESCO WORLD HERITAGE CENTRE. **Prehistoric Pile Dwellings around the Alps: international management plan**, 2019–2023. Paris: UNESCO, 2019. Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/documents/192715>. Acesso em: 26 jan. 2025.

WORLDATLAS. **What is a kampong and where are they found?** 2019. Disponível em: <https://www.worldatlas.com/articles/what-is-a-kampong-and-where-are-they-found.html>. Acesso em: 22 fev. 2026.

YAKUBU, Paul. A vila flutuante de Ganvie: um modelo de urbanismo socioecológico. **ArchDaily** Brasil, 4 jun. 2023. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/1000909/a-vila-flutuante-de-ganvie-um-modelo-de-urbanismo-socioecologico>. Acesso em: 4 fev. 2025.

ZEBULUN, Carlos Saul. **Onde a lama é insurreição: arquitetura em convivência com a água no novo regime climático**. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, 2023.